

Dados do levantamento indicativo feito em dezembro de 2003 pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário e o Programa Nossa Primeira Terra informam que, por um lado, mais de 60% dos 141 jovens de 50 municípios brasileiros entrevistados indicam que gostariam de permanecer no campo e estudar em áreas afins (62%), enquanto por outro, por falta de oportunidades, saem do campo.

**Larissa Escarce Bento Wollz
Francisco Romão Ferreira**

Juventude no campo: problematizando a construção da identidade no contexto da sociedade do consumo

Youth in the countryside: problematizing the construction of identity in the context of consumer society

LARISSA ESCARCE BENTO WOLLZ*

FRANCISCO ROMÃO FERREIRA**

Resumo

Este artigo tem como objetivo propor uma reflexão acerca dos aspectos históricos, culturais e sociais que circunscrevem o universo da juventude no meio rural brasileiro, relacionando o acesso à educação e à qualificação profissional. A partir de informações oriundas de diferentes instituições, foi possível constatar que os jovens do campo constituem-se como uma significativa e desfavorecida parcela da nossa sociedade. Acreditamos que a responsabilidade de ingressar precocemente no mundo do trabalho para gerar renda para a sobrevivência familiar foi realizada em detrimento do direito à educação, à atividade do brincar, do desenvolvimento cognitivo pleno, da participação de atividades com seus pares e compreensão do mundo. Percebemos a ausência histórica do Estado para promover políticas públicas de educação para essa população que hoje se vê às voltas com os artefatos da indústria cultural, os objetos do consumo e os valores predominantes na nossa sociedade.

Palavras-chave: Juventude. Campo. Educação. Consumo. Identidade.

* Psicóloga, Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Email: lwollz@yahoo.com.br.

** Sociólogo, Doutor em Saúde Coletiva pela Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ; Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Email: fromao@terra.com.br.

Abstract

This article aims to propose a reflection on the historical, cultural and social factors that circumscribe the universe of youth in rural Brazil, relating access to education and vocational qualification. From information from different institutions, it was established that the rural youth constitute itself as a significant and disfavored portion of our society. We believe that the responsibility of entering too early the working universe so as to generate income for the family survival was carried out at the expense of the right to education, the activity of playing, full cognitive development, participation in activities with their peers and comprehension of the world. We realized the historical absence of the State in promoting public policies of education for this population that has been dealig with the artifacts of the culture industry, the objects of consumption and the values prevalent in our society.

Keywords: Youth. Countryside. Education. Consumption. Identity.

Considerações gerais acerca da juventude do campo e a construção da identidade

A juventude é uma categoria social construída historicamente e se manifesta a partir da pluralidade de práticas culturais e de modos de vida que configuram a existência dos jovens em diferentes contextos sociais, geográficos e políticos. Os jovens que vivem no campo compreendem diferentes expressões e singularidades nos modos de pensar, sentir e agir, mas apresentam alguns aspectos similares ou comuns. Atualmente, um dos aspectos comuns a esses jovens é formação de um grande fluxo migratório do campo para os centros urbanos mais próximos em busca de melhores oportunidades de qualificação profissional, trabalho e renda, muitas vezes para ajudar a família (CASTRO, 2012). Acreditamos que exista também uma valorização dos modos de vida do meio urbano e certo preconceito e desvalorização das pessoas que moram em áreas rurais, pois são chamadas de caipiras, discriminadas pelo sotaque ou pelos valores, por exemplo; fazendo com que esse jovem busque, ao migrar para a cidade, a construção de uma nova identidade.

Existe também a questão de que há uma significativa desigualdade na distribuição da riqueza material e simbólica produzidas no campo, gerando um quadro de resultados sociais e educacionais extremamente desfavoráveis para as crianças e os jovens que habitam o campo. Há também a questão das formas de sociabilidade rurais que requerem a participação no trabalho familiar, a presença e o encontro com o outro nos quintais, nos espaços de produção da vida em comum ou das relações afetivas próprias desses espaços. No que se refere especificamente à juventude, segundo Castro (2012), alguns autores abordados a seguir relatam que: se por um lado eles querem

fazer parte das novidades do mundo urbano, por outro lado, saem do campo, não por que prefiram fazer essa escolha, mas pela desvalorização social do trabalho no campo, pela precariedade das escolas, pela falta de oportunidades de qualificação profissional e perspectiva de vida.

Este trabalho, portanto, trata dessa busca por melhores condições de vida para o jovem que vive no campo e das questões ligadas à construção de uma nova identidade social para este jovem que migra para o meio urbano. Ele faz parte da pesquisa da tese de doutorado intitulada “Percepções de infância e juventude no/do campo” e propõe uma reflexão acerca do tema que articule as questões da desigualdade social no Brasil, a juventude no campo, a produção de subjetividade e a construção da identidade social entre jovens.

Campo e juventude no Brasil

No Brasil, ano após ano cresce o número de jovens camponeses que abandonam o meio rural buscando melhores condições de vida nas cidades. Esse êxodo é de uma lógica naturalizada socialmente, pela qual se afirma que é o mundo das possibilidades, enquanto o campo é uma área atrasada. Relaciona-se a isso o descaso histórico do governo em criar políticas efetivas voltadas para a valorização do campo, em que o jovem possa ter acesso à terra, educação, cultura, lazer e condições dignas de vida (COUTINHO JÚNIOR, 2012).

Dados do programa Brasil sem Miséria apontam que de um total de 8,2 milhões de jovens rurais, 2,3 milhões vivem em situação de miséria, com renda mensal de 70 reais ou menos. Vale destacar que nos últimos sete anos foram fechadas mais de 30 mil escolas no campo (COUTINHO JÚNIOR, 2012). Somado a isso, a precarização da produção familiar causada pela produção em larga escala, a valorização do agronegócio, a distribuição desigual da riqueza material e a desvalorização simbólica desses grupos produzem um quadro de resultados sociais e educacionais extremamente desfavoráveis para crianças e jovens do campo.

O Censo Demográfico IBGE de 2000 apresentou uma pesquisa sobre as características da população jovem, segundo sua procedência rural e urbana. Os dados apresentaram que, considerando o total da população das faixas etárias de 15 a 19 anos e 20 a 24 anos, a grande maioria (81%) reside na zona urbana (FRIGOTTO, 2007). Em 2010, segundo os dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve um agravamento da situação. Atualmente temos cerca de 8 milhões de jovens morando em regiões rurais. Diversos estudos, no Brasil e em outros países, apontam para a tendência da saída, nos dias atuais, de jovens do campo rumo às cidades (CASTRO, 2012).

A desigualdade no que se refere à efetivação de direitos, é um grande obstáculo ao processo de democratização do país. Para a maioria dos jovens que habitam o campo, faltam alguns elementos básicos, porém essen-

ciais, ao projeto moderno. O acesso à educação e à qualificação profissional, por exemplo, são ausências muito profundas. A escola rural, quando existe, acontece com uma infraestrutura precária e uma visível desqualificação profissional, derivada claramente do abandono do Estado, com pouco ou nenhum investimento e definição de políticas públicas. Esses processos recriam as imagens hegemônicas de campo e sua ruralidade como lugar de atraso e de invisibilidade dos sujeitos, e fortalece a ideia de desenvolvimento vinculada à cidade. Quando referido ao campo, o desenvolvimento aparece atrelado ao agronegócio, contrapondo-se às possibilidades da agricultura familiar e camponesa (CASTRO, 2012).

Nesse sentido, a permanência de jovens no meio rural é um desafio, pois observa-se que na faixa etária entre 14 e 24 anos de idade, houve no Brasil, entre 1979 e 2009, uma redução absoluta deste segmento da população em 2,1 milhões de pessoas. Ou seja, o Brasil está diante de um processo de saída acelerada da juventude do campo e, como consequência, de envelhecimento mais rápido do que ocorre no meio urbano (POCHMANN, 2007).

Observa-se também que há também uma masculinização da juventude no campo, pois segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, se existe certo equilíbrio entre a população jovem masculina e feminina na faixa etária de 15 a 29 anos (49,1% e 50,9%, respectivamente), o mesmo não se observa com a população jovem do campo (53,2% de homens para 46,8% de mulheres nessa faixa etária); o desequilíbrio é ainda maior na faixa etária de 15 a 17 anos (55 % e 45%, respectivamente) (CASTRO, 2012).

Segundo reportagem da Folha de São Paulo com o título “Falta de mulher no campo deixa tarefa de casa para homem - Cada vez mais as mulheres migram sozinhas para as cidades e trabalham no ramo de serviços” é um exemplo desse fato. O motivo é que as dificuldades da vida no campo afastam cada vez mais os jovens, em especial mulheres, que migram sozinhas para as cidades para trabalhar no ramo de serviços. O resultado é que os homens acabam ficando para cuidar da propriedade herdada da família (BÄCHTOLD, 2010).

Pochmann (2007) explica que no setor primário da economia (agricultura, pecuária, extrativismo), por exemplo, o trabalho seria em geral mais extenso, dependente das condições climáticas e de maior instabilidade no rendimento do que o verificado nos setores secundário (indústria e construção) e terciário (serviços e comércio). Somado a isso, a chegada da tecnologia do campo e a expansão da fronteira da produção rural capitalista expulsaram grandes contingentes populacionais das atividades agropastoris. O resultado foi um significativo decréscimo da participação relativa das ocupações primárias no total de ocupações ao longo do tempo. Mas esse movimento não apontou apenas para a predominância do trabalho urbano em sua forma industrial. Foi o terciário o principal setor de atividade econômica responsável pela absorção de maior parte da população ocupada,

sobretudo na transição rural-urbana, patrocinada pela ausência da reforma agrária, pela violência no campo e pelo êxodo rural brasileiro.

Dados do levantamento indicativo feito em dezembro de 2003 pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário e o Programa Nossa Primeira Terra informa que, por um lado, mais de 60% dos 141 jovens de 50 municípios brasileiros entrevistados indicam que gostariam de permanecer no campo e estudar em áreas afins (62%), enquanto por outro, por falta de oportunidades, saem do campo. Os motivos que os levam a sair do campo são: para trabalhar (28,5%), para estudar (26,5%), para trabalhar e estudar (26,5%) e 17,5% por outras razões. Observa-se que, para 55% dos jovens a busca de trabalho está em destaque. Alguns analistas sinalizam que, se não fosse a organização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que congrega aproximadamente 20 milhões de pessoas – um grande número de crianças e jovens –, o inchaço na periferia urbana seria mais grave (FRIGOTTO, 2007). Dados do Projeto Popular para a Educação, idealizado pelo Movimento Social Levante Popular da Juventude, apontam que 3,8 milhões de crianças estão fora da escola, somente 63% das que moram na zona rural têm acesso ao colégio, 31% dos adultos não entendem o que leem 10% da população brasileira é analfabeta e, destes, 70% são negros (OLIVEIRA, 2012).

A pesquisa “Juventude e Políticas Sociais no Brasil” realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) averiguou que menos da metade dos jovens de 15 a 17 anos está cursando o ensino médio, etapa de ensino adequada para esta faixa etária, e apenas 13% dos jovens de 18 a 24 anos frequentavam o ensino superior. O acesso à escola é vista de maneira bastante positiva pelos jovens, como um caminho para melhorar as condições de vida. Entretanto o jovem enfrenta no processo de escolarização problemas de desigualdades de oportunidades e muitos desses jovens dividem seu tempo entre os estudos e o mercado de trabalho (CASTRO; AQUINO; ANDRADE, 2009).

Campo, juventude, identidade e globalização

A construção da identidade de um jovem brasileiro hoje, seja no ambiente rural ou urbano, incorpora tanto tendências e questões individuais como sociais, agrega referências locais e globais, agrupa influências do mundo globalizado e disposições pessoais, misturando ao mesmo tempo distâncias geográficas e temporais. Mas essas influências acontecem numa via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que os indivíduos constroem sua auto-identidade, eles contribuem para as transformações macrossociais ou globais, mesmo sabendo que tais influências ocorrem de formas assimétricas, com velocidades e temporalidades diferentes de acordo com as classes sociais.

A ampliação dos canais de acesso à informação promovida pela informatização, a produção e o consumo de artefatos da indústria cultural feito por diferentes jovens, seja numa comunidade do Rio de Janeiro, de Salvador,

do Recife, da periferia de São Paulo, ou de jovens de áreas rurais do Centro Oeste ou do Sul do país, circulam hoje com muito mais rapidez (embora de forma não necessariamente democrática). Os meios de comunicação de massa produzem informações e disseminam comportamentos que acabam por produzir novos comportamentos e valores nos lugares mais distantes. E o jovem que vive no campo está atento para essas transformações e elas atuam no imaginário social.

A construção das identidades, a escolha dos estilos de vida ou a forma como os jovens do campo lidam com o próprio corpo, com a sexualidade ou com as relações afetivas, da mesma forma, acabam sendo influenciadas por eventos, fatos, ideias ou imagens que chegam de lugares distantes. Se tomarmos como exemplo a sexualidade ou o comportamento com relação aos relacionamentos afetivos, podemos observar que, comparando nosso comportamento atual com o comportamento das gerações anteriores, muita coisa mudou.

Essas novas formas de construir a identidade, lidar com o corpo ou estabelecer laços afetivos, vão assumir, segundo Giddens (2002), contornos parecidos nas sociedades ocidentais. Pois elas evidenciam a possibilidade de fazer opções, escolher os papéis sociais, construir seu próprio destino e não mais ficar preso à ideia de que exista um destino ditado por algo exterior a nós, independentemente de nossa vontade. Pelo contrário, cada vez mais temos responsabilidade por nossas escolhas, pela construção de nossa própria identidade, pelo que queremos ser e como queremos ser. Para ele, na modernidade, os mecanismos de construção da autoidentidade, ao mesmo tempo influenciam e são influenciados pelas instituições. Por não ter uma atitude passiva que apenas recebe influências externas, o indivíduo, ao construir sua trajetória individual e construir sua autoidentidade, contribui para as influências sociais que são globais em suas consequências e implicações. E isso se coloca tanto para os jovens que vivem hoje no campo, para os jovens de classe média ou da periferia das grandes cidades.

A forma como todos nós construímos nossa identidade, nosso destino e buscamos nossos desejos fazem parte de um grande processo de mudança que não acaba em nós, pelo contrário, apenas começa em nós. E os jovens que estão hoje no campo percebem essas mudanças, desejam novas opções profissionais, novos estilos de vida e outras formas de inserção social muito diferentes das gerações anteriores. Pois mesmo em situação de pobreza esse jovem hoje possui muito mais acesso à informação (mesmo que precária), circula muito mais em diferentes espaços geográficos e sociais, possui e valoriza aparelhos eletrônicos que ampliam a comunicação e sonham com um universo cultural e social menos limitado que o vivido pelos seus pais.

No passado recente, esses papéis sociais eram mais sólidos, duradouros, hoje, no entanto, esses papéis são fluidos, mudam com muita rapidez. Os papéis sociais tradicionais criavam a ilusão de que o mundo era mais seguro, de que as transformações mais lentas criavam um ambiente mais familiar e

protegia das inseguranças do mundo exterior. O que observamos atualmente é que esses papéis sociais são mais efêmeros, como se fossem “líquidos”, como se fosse mais difícil segurá-los, mantê-los com a mesma forma.

Hoje convivemos com a nostalgia do passado (que dava uma sensação de segurança) e com o que o sociólogo polonês Bauman (2001) chama de “modernidade líquida”, isto é, com um processo incessante de mudança que nos força a ter que frequentemente reinventar nossa identidade, sendo que isso pode levar tanto à opressão quanto à libertação. Para ele, a nossa identidade não tem mais a firmeza de uma rocha, não nascemos, vivemos e morremos com os mesmos valores, não necessariamente reproduzimos o mesmo papel social durante toda a vida, pelo contrário, as decisões que o indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e as escolhas que ele faz podem levá-lo a se transformar de tal modo que sua identidade precise ser a todo o tempo reinventada. Mas se a identidade do camponês tradicional é conservadora, podemos dizer mais sólida, e alguns jovens que vivem no campo hoje se sentem seduzidos pelas possibilidades de viver o mundo. Possibilidades essas que se apresentam como mais sedutoras, embora muitas vezes seja ilusória.

Segundo Bauman (2001), à medida que nos deparamos com as incertezas e as inseguranças da “modernidade líquida”, nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínua e isso nos leva a buscar relações transitórias e fugazes em todas essas instâncias. Com isso, acabamos por gerar sofrimento e angústia para nós e para os outros, pois as relações afetivas também entram nesse ritmo frenético que faz com que nada seja duradouro. Para ele, estar em movimento não é mais uma escolha, agora se tornou um requisito indispensável, e com isso, não conseguimos mais estabelecer vínculos duradouros em várias dimensões da vida.

Nas cidades menores ou mais afastadas, esse processo, embora mais lento, tende também a se acelerar, pois os meios de comunicação de massa, a Internet e os produtos da indústria cultural chegam com mais agilidade aos lugares mais distantes do país. Para os jovens do campo essa realidade também não está muito distante, pois eles estão conectados a essas novas tecnologias, viajam com mais facilidade para a capital ou para as cidades próximas, possuem pequenas motocicletas que ampliam a mobilidade e sonham com um padrão de consumo superior ao de sua origem familiar. Enquanto os jovens da cidade querem mais segurança nas comunidades virtuais, os jovens do campo querem conhecer novas possibilidades de existir, ele quer se conectar com a vida extraterritorial e muitas vezes, quer permanecer no campo, mas também quer experimentar outras realidades.

Considerações finais – Juventude do campo e o mercado de trabalho

O capitalismo atual em seu estágio neoliberal impõe um ritmo de mudanças em que os laços e as condições de trabalho – via terceirização, alta

rotatividade da mão de obra ou alterações estratégicas bruscas - são cada vez mais precários. Essas transformações não ocorrem apenas no nível local, pelo contrário, elas traduzem a dinâmica das relações do capitalismo global e afetam todos indiscriminadamente.

As pessoas circulam entre um projeto e outro, um emprego e outro, numa sucessão de compromissos de curta duração, e com isso, não há mais espaço para o questionamento por um mundo melhor ou uma organização entre os trabalhadores por melhores condições de trabalho, pois o próprio trabalho é efêmero, fragmentado e sem forma definida. Neste sentido, o jovem do campo é uma presa fácil para os interesses do capital, pois ele é uma mão de obra barata e pouco qualificada. Da mesma forma, os jovens das periferias das grandes cidades vivem o mesmo processo de precarização do trabalho e exclusão social.

Cabe destacar que no Brasil 6 milhões de crianças e jovens têm inserção precoce e cada vez mais volátil no mundo do emprego e subemprego. Inserção que não é uma escolha, mas uma imposição da sua origem social e do tipo de sociedade que se constituiu no país (FRIGOTTO, 2007). O país ainda tem 1,5 milhão de jovens analfabetos (15 a 29 anos) e 44,8% das pessoas analfabetas com 15 anos ou mais já frequentaram a escola, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE de 2007 (CASTRO; AQUINO; ANDRADE, 2009).

Esses jovens tem suas especificidades e diferentes modos de vida, mas, em comum vivenciam um processo de adultização devido a sua precoce inserção no mercado formal ou informal de trabalho, que na maioria das vezes é precária em termos de condições e níveis de remuneração. Apesar dessas dificuldades, os jovens que vivem no campo estão rompendo com as formas tradicionais de pensar, buscam informações, desejam uma maior inserção no mundo do trabalho, convivem com as práticas e símbolos do mundo global e navegam entre bits de informação e conhecimento, mas ao mesmo tempo são influenciados pela ideologia dominante, narcisismo e consumo. Esses dois processos acontecem simultaneamente para os jovens da cidade ou do campo, de um lado uma formação precária que leva à exclusão ou entrada desigual no mundo do trabalho, de outro lado, um maior acesso às informações, uma maior inserção no universo do consumo e o crescente desejo de ascensão social.

A construção da identidade pode ser emancipadora, no sentido de acordar a consciência crítica dos jovens e ajudá-los a libertarem-se de condições sociais julgadas injustas, mas a construção da identidade pode se transformar também em instrumento de acomodação, sujeição à ordem e adequação ao sistema produtivo e aos sonhos do consumo. A dinâmica do capitalismo que chega ao campo reproduz não apenas o modelo urbano das grandes cidades mais próximas, mas apresenta modelos globais de comportamento e consumo que são desejados e incorporados.

As relações sociais e o sistema dinâmico que constituem essas relações

devem ser estudados no seu contexto histórico concreto, mas sem esquecer que esse contexto histórico é constituído de ideias, de subjetividades e de imposições ideológicas. Analisar a questão da construção da identidade do jovem no/do campo em relação à indústria cultural e ao consumo, portanto, é fundamental para compreender esse processo histórico e buscar alternativas mais dignas para esse grupo social. A distância que separa essas dimensões (global e local), seja ela temporal ou espacial, diminuiu e isso coloca novas questões para pensar como esses jovens lidam com a construção da identidade e a subjetividade no contexto da sociedade do consumo.

Referências

BÄCHTOLD, Felipe. Falta de mulher no campo deixa tarefa de casa para homem. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 28 de jun. 2010. Caderno Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2512201012.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude do campo. In: CALDART, Roseli Salette. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CASTRO, Jorge Abrahão; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.

COUTINHO JÚNIOR, José. Falta de estrutura e oportunidades faz jovens abandonarem o campo. **Rádio Agência**. Brasília, set. 2012. Disponível em: <<http://www.radioagenciap.com.br/11050-falta-de-estrutura-e-oportunidades-faz-jovens-abandonarem-o-campo>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina R. (org.) **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

OLIVEIRA, Davi. Jovens fazem protesto em 11 Estados por melhoria da educação. **Agência Brasil**, Brasília, nov. 2012. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-11-28/jovens-fazem-protesto-em-11-estados-para-reivindicar-melhoria-da-educacao>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos para o Brasil. In: NOVAES, Regina R. (Org.) **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.